Tem início a segunda Campanha, agora na margem ocidental do Uruçuí.

— 7 de julho de 1765: Carta do Tenente Coronel Castelo Branco ao Governador prestando contas da Campanha. Diz esperar que a notícia enviada junto com as presas de guerra lhe tenham chegado. Informa que descendo pelas margens do rio Uruçuí, chegou à aldeia dos Gueguê, que estava toda em cinzas (na fuga os índios queimaram suas malocas). Deixou ali os mantimentos e continuou descendo o rio com precaução. Em pouca distância encontraram os espias umas índias que haviam se separado do seu grupo para buscar mantimentos: a Tropa atirou nelas para as matar, atingindo apenas duas — prenderam algumas enquanto outras conseguiram fugir. Mataram-nas para evitar que fossem noticiar aos índios a presença do exército. Como já era noite, permaneceram no mesmo lugar. Na manhã seguinte, ao caminhar a tropa, um índio atirou uma flexa de um monte, "que por proteção da Magestade Divina não causou nenhum fruto pernicioso, mas sim benévolo, pois uma prisioneira conhecendo então que a ouviam os seus, clamou em altas vozes pelo seu idioma (sobre) o seu miserável estado, à qual foi recomendado logo pelos nossos (línguas) que lhe manifestasse que o único empenho nosso era o de os resgatarmos do cativeiro do demônio por meio de uma amigável paz". Havia outra língua da mesma nação, de nome Manuel de Matos, que também os estimulava à paz. O Chefe então desceu do monte, deixando lá as armas, e veio abraçar ao dito Manuel de Matos e levou aos brancos para sua aldeia e entoou um canto que para eles significa a paz, e muitos de seus companheiros vieram para a aldeia, "mas sempre de alto". Informa mais que durante os dias que permaneceram na aldeia, vieram muitos outros índios visitá-los, devendo-se esta graça a Deus e a Manuel de Matos. Na aldeia o Capitão mandou dar aos índios carne, matando alguns bois que trouxera para os soldados. "Foram as condições da capitulação que lhes déssemos os seus para nos darem os nossos, e assim consenti." Então o Comandante se comprometeu a ajudá-los a combater seus inimigos ao Acroá, justificando sua conduta por dois motivos: para resgatar-lhes as almas e por que estavam acossados numas grutas aclives de que seria muito difícil retroceder. Ao partir da aldeia para o presídio, a fim de se restabelecer, deixou o Comandante a um crioulo cristão na aldeia para tomar conta. Informa ainda que alguns soldados comerciaram com os Gueguê, comprando-lhes alguns "colomins Acroá que os tinham em seu poder", trocando-os por gêneros. Diz ter consentido nesta troca para estimular os soldados que estavam cansados com a conquista. Conclui dizendo esperar o reforço de homens e gêneros. (Livro II, fl. 16).

— 5 de agosto de 1765: Ofício do Governador Caldas ao Comandante Castelo Branco informando ter recebido "a gostosa e interessante notícia da conquista dos bárbaros Gueguê, arrebanhando-os para Deus, Igreja, Rei